

Apresentação, com o título “*Alfredo Margarido um disciplinador de Consciências*”, da “*exposição e homenagem*” que lhe foi dedicada em 10 de Dezembro de 2009 na Reitoria da Universidade de Lisboa, iniciativa organizada pela **Reitoria da Universidade de Lisboa** e pela **Reitoria da Universidade Lusófona**.

À volta de Alfredo Margarido estiveram reunidos cerca de duas centenas dos seus amigos e admiradores, vários dos quais se deslocaram propositadamente do estrangeiro para poderem estar presentes na cerimónia.

Alfredo Margarido

Um indisciplinador de Consciências

Exposição e Homenagem



“Dizer Alfredo Margarido é lembrar a obra e o exemplo cívico de um dos pensadores mais lúcidos da nossa realidade (no sentido mais amplo tanto geográfico como histórico), observação que imediatamente se vai transformando em conhecimento, saber e discurso. Pintor, poeta romancista, ensaísta, tradutor, historiador, jornalista, antropólogo, politólogo, sociólogo, professor universitário: o mais parecido nos tempos modernos com o *uomo universale* do Renascimento. Lúcido, crítico e livre, e por isso mesmo polêmico e indisciplinador de consciências ...”
Perfecto Cuadrado, in *Obra Plástica de Alfredo Margarido*, 2007.

Homenagem a Alfredo Margarido *Um indisciplinador de Consciências*

Homenagem

Reitoria da UL | Salão Nobre
dia 10 de Dezembro de 2009 às 17.00

Participantes:

Adelino Torres
Alberto da Costa Silva
António Branquinho Pequeno
António Feijó
Arnaldo Saraiva
Artur Cruzeiro Seixas
Diogo Ramada Curto
Eugénio Lisboa
Fernando Pereira Marques
Inocência Mata
João Freire
Luís Ramalhosa Guerreiro
Manuel Villaverde Cabral
Marc Ferro
Paulo Feytor Pinto
Perfecto Cuadrado

Exposição Líquida

Aquarelas de Alfredo Margarido

Reitoria da UL | Átrio dos Passos Perdidos

Inauguração 10 de Dezembro de 2009 às 18.30

Apresentação 10 a 23 de Dezembro de 2009

9.00-18.00 (dias úteis)



Recordando "As Portas Ausentes" Júlio Conrado

Alfredo Margarido foi (é) uma referência na renovação do romance português na segunda metade do século XX. A sua intervenção, circunscrita a um espaço de manobra exíguo, porque, sendo embora outros tempos, a praça estava ocupada e a irreverência e a novidade da proposta comportavam custos severos para quem ousasse roubar ao poder instalado uma fatia, pequena que fosse, do seu património de influência, revelou-se em todo o caso decisiva. O novo romance, a que, juntamente com Artur Portela Filho, deu alento teórico e prático numa altura em que o conservadorismo neo-realista (no aspecto utilitário da literatura, entenda-se, com a sua cultura de romance *fechado*, só que de intenção social) era dominante, e em que as correntes conservadoras *tout court* cristalizavam no romance de costumes ou na novela de registo intimista, tendia a funcionar como autónoma, com soluções ousadas mas bem sustentadas teoricamente e formuladas com ênfase tal que o *establishment* se viu forçado a proteger energicamente o reduto ameaçado. Importa reter que Paris era longe, Portugal um país isolado, censurado, policiado, e que isso explicará em parte o porquê de só nos princípios dos anos sessenta se ter começado a falar, entre nós, do *nouveau roman*, ou seja, alguns anos depois da eclosão do fenómeno, em França.

In *Latitudes, Cahiers Lusophones*, nº 24, Paris, 2005



Alfredo Margarido et l'historien Marc Ferro

Alfredo Margarido demeure, pour moi, un des animateurs de mai 1968 à Paris. Je l'ai rencontré dans un de ces Comités d'Action qui préparait, au moins, la révolution du siècle.

Orateur magnifique, percutant et dialectiquement convaincant, il incarnait alors un élan généreux et communicatif.

Depuis cette date, nous sommes devenus amis, échangeant nos idées sur le rapport entre le cinéma, l'image, et l'histoire.

Ecrivain autant qu'historien, ses observations sur le fascisme, le marxisme témoignaient d'un regard très pertinent sur les phénomènes politiques en cours. On en jugera par cet article sur la décolonisation écrit à ma demande en 1971 et qui demeure aussi vigoureux aujourd'hui qu'à l'heure de son écriture. Il donne une idée de la pensée analytique de cet ami qui figure, pour moi, une des personnalités qui ont illuminé mon parcours personnel.

In *Latitudes, Cahiers Lusophones*, nº 24, Paris, 2005

A nossa modernidade, criada pelas independências africanas, obrigou o país a cortar uma parte substancial dos seus laços com o Atlântico, que foi sempre o oceano das nossas grandes incursões, mesmo se o Índico não pode ser afastado desta reflexão. A verdade, contudo, é que a partir dos anos 60, devido por um lado à guerra colonial, pelo outro à emigração, o país rompeu os laços que o tinham mantido unido ao Atlântico, e mais importante ao Atlântico sul. A guerra colonial há-de ser vista no futuro como a grande tragédia nacional, que o regime ditatorial soube criar com o seu nacionalismo racista, naturalmente arcaico.

A invenção da lusofonia procura com algum desespero devolver-nos uma parte desse espaço. Decidi analisar com a crueza – que não é crueldade – necessária, alguns mecanismos internos dessas operações. A maior parte dos missionários da lusofonia age como se não tivéssemos atrás de nós uma longa história de relações polémicas com aqueles que escolheram falar português. Ora convém medir com o rigor indispensável, utilizando os instrumentos mais sofisticados, a soma de fobias provocadas por uma história que não pode evitar as marcas da violência exercida sobre os Outros.

Não faltarão certamente quem me acuse de falta de “patriotismo”. Algumas dessas acusações confundem patriotismo e patrioteirismo, embora não seja esse o aspecto mais preocupante da questão. Basta considerar com atenção o percurso dos acordos ortográficos, para encontrar a mesma inquietação, a republicana de ontem ou até de anteontem, a fascista e agora a democrática: assegurar o controlo da língua, obrigar os demais locutores a aceitar as novas regras. “A língua nasceu em Portugal e pertence aos Portugueses”: não se consegue aceitar o princípio simples de que a língua pertence àqueles que a falam!

MARGARIDO, Alfredo. *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2000.



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**



UNIVERSIDADE LUSÓFONA
de Humanidades e Tecnologias
Humani nihil alienum

Organização e Informações: Reitoria da Universidade Lusófona e Reitoria da Universidade de Lisboa - Divisão de Actividades Culturais e Imagem da DSRE